
O Problema do Sofrimento à Luz de Bruno Forte

César Augusto Soares da Costa¹

Resumo: Este artigo é uma síntese do trabalho sobre a teologia da cruz no pensamento do teólogo italiano Bruno Forte, que tem como título: “A cruz, o sofrimento e a esperança segundo Bruno Forte”. Nesta problemática, situaremos a perspectiva do sofrimento humano à luz da ressurreição. Daí, que a relação com o sofrimento está intrinsecamente ligada ao acontecimento do Reino de Deus e à realização da salvação. Buscamos desenvolver a teologia que está implicada na concepção de Bruno Forte.

Palavras-chave: Esperança; ressurreição; sofrimento; salvação.

O sofrimento humano suscita compaixão, inspira também respeito e, a seu modo, intimida². Nele está contida a grandeza própria do seu mistério. Por todo e qualquer sofrimento deve ficar presente o imperativo da fé. Assim, nas palavras de São Paulo³, parecem ser um problema intangível em cada ser, visto que em cada homem pelo seu sofrer, permanece em mistério. Vislumbrando estes referenciais, podemos perguntar como o sofrimento, a dor, o abandono e a rejeição se apresentaram na história salvífica? Tendo presente tais indagações, o objetivo do nosso artigo é aprofundá-las como no anterior⁴ na reflexão de Bruno Forte, tendo como premissas, o Livro de Jó e o Quarto Canto do Servo de Javé de Isaías.

¹ Sociólogo, Teólogo e Pesquisador. Mestre em Teologia Sistemática/ PUCRS.

² Cf. JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*, n. 5, p. 7.

³ "Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos por vós, e completo, na minha carne, o que falta das tribulações de Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja" (Cl. 1,24). Cf. As citações bíblicas deste trabalho serão feitas conforme a tradução de *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1996.

⁴ COSTA, 2006.

1 O Sofrimento no Livro de Jó

A evidência da dor é tal que não tem necessidade de ser demonstrada⁵. Acaso não se revela na mesma a profundidade do coração dos homens com suas questões mais profundas, que podem sem vistas no problema de Jó⁶. Sendo assim, será que a teologia oferece alguma resposta às dores dos homens? Tendo esta pergunta, Forte também questiona se a evidência da dor não é a soma infinitas de histórias do sofrimento, seqüências de sofrimentos sem fim? Forte assinala que, qual seja a dor dos doentes, dos famintos, e dos socialmente excluídos, os pobres e oprimidos, a dor enche a terra. Ou seja, toda a cosmovisão que ignore a dura resistência do sofrer humano, constitui ideologia suspeita de uma falsificação do mundo, pois a dor do homem resiste a uma tentativa de interpretar os processos históricos a partir da natureza⁷. A partir daí, Forte conclui que a história⁸ dos homens é, de certa forma, a história da sua paixão.

Por que há a dor, e tão logo o por que a dor de um inocente? *O problema de Jó*⁹ leva à eterna pergunta que anseia pela plenitude

⁵ FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia*, p. 37.

⁶ "O Livro de Jó trata do problema do sofrimento com audácia e de forma correta. Seus questionamentos são muito sérios: por que o inocente sofre? Como Deus age diante do sofrimento humano? Como manifesta sua justiça? É possível ser livre diante de Deus? (. . .) Esse Livro não apresenta uma personagem histórica concreta, mas sim uma ficção literária. Trata-se de algo como uma obra de teatro. Com certeza foi escrito no final do século IV a.C. , em pleno período persa". Cf. CARAVIAS, José. *Respostas bíblicas diante da dor humana*, p. 55.

⁷ Cf. *Ibid.*

⁸ Sobre o homem, Forte reflete que: "Em sua concreta condição histórica, assinalada pelo mal e pela morte. o homem está então embebido da dor: o sofrimento não passa de outro nome do seu proceder para a morte, o pão cotidiano do seu caminhar para a vida. (. . .) Viver neste sentido, é sempre também um morrer. A melancolia, a angústia, o luto são companheiros fiéis da condição humana. A companhia na vida, no êxodo incessante rumo ao amanhã, é sobretudo companhia na dor". Cf. FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia*, p. 38.

⁹ "Jó, no entanto, contesta a verdade do princípio que identifica o sofrimento com o castigo do pecado; e faz isso baseando-se na própria situação pessoal. Ele, efetivamente, tem consciência de não ter merecido semelhante castigo; e, por outro lado, vai expondo o bem que praticou durante a sua vida. Por fim, o próprio Deus desaprova os amigos de Jó pelas suas acusações e reconhece que Jó não é culpado. O sofrimento é o de um inocente: deve ser aceito como um mistério que o homem não está em condições de entender totalmente com a sua inteligência. O Livro de Jó não abala as bases de ordem moral transcendente, fundada sobre a justiça, como são propostas em toda a Revelação, na Antiga e na Nova Aliança. Contudo, este Livro demonstra, ao

da vida. Esta é a narrativa de Jó¹⁰, um homem justo, que sem culpa alguma, é provado por inúmeros sofrimentos. Na situação em que ele se encontrava, seus amigos procuram justificar o seu sofrimento, argumentando que ele atinge sempre o homem, como pena por uma culpa, que é mandada por Deus. Para seus amigos, o sofrimento teria sentido somente como uma pena pelo mal, e portanto, no plano da justiça divina, que agracia o bem com o bem, e amaldiçoa o mal com o mal. Desse modo, a Revelação do próprio Deus, põe o problema do sofrimento inocente com toda clareza: *o sofrimento sem culpa*.

Mas de fato, quem já não sonhou com um mundo sem sofrimento? Para Forte, o lamento de Jó constitui um eco do protesto universal da dor do mundo: *“Por que não morri ao deixar o ventre materno, ou pereci ao sair das entranhas?”* (Jó 3,11). Esta pergunta é dirigida à alguém como um vento que atravessa rumo ao sentido do sofrimento. De fato, a questão de Deus e a interrogação sobre a dor germinam do mesmo jeito. Desde que o homem habita no mundo, sua história está carregada pelas suas dores e lágrimas: assim também pode ser visto o problema de Jó.

“Ei-lo ali: está suspenso ali, naquela forca!”. Segundo Forte, estas palavras soam um novo sentido ao Evangelho cristão, porque, se Deus *“amou o mundo e entregou seu Filho por todos nós”* (Jó 3,16), tornando-se maldição por nós (Gl 3,13), ao lado do

mesmo tempo, com toda firmeza, que os princípios desta ordem não podem ser aplicados de maneira exclusiva e superficial. Se é verdade que o sofrimento tem um sentido como castigo, quando ligado à culpa, já não é verdade que todo o sofrimento seja consequência da culpa e tenha caráter de castigo”. Cf. JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*, n. 11, p. 18-19.

¹⁰ Para Forte: "O niilismo proclama um êxodo sem advento, entregando-se à evidência rumo à morte. Ao niilismo opõe-se o seu contrário: a renúncia à pergunta do homem sofredor, a rendição do Outro, desconhecido e onipotente, que tudo regula com seu poder infinito. É a resposta, presumidamente consoladora e confiável, dos amigos de Jó: a sanção divina se estende sem apelo para cobrir todas as coisas. "Pode um homem ser justo diante de Deus? Um mortal ser puro diante do Criador? Dos próprios servos ele desconfia, até a seus anjos verbera o erro. Quanto mais aos que moram em casas de barro, cujos fundamentos se assentam sobre o pó" (Jó 4,17-19). O grito do deportado de Auschwitz adquire aqui o seu segundo sentido: no inocente que morre não se antolha somente a possível afirmação atéia da morte de Deus, mas também a morte de um Deus sem coração, do Deus dos piedosos e dos justos seguros de seus próprios direitos perante ele e convencidos da justiça da dor do mundo. Ao êxodo sem advento do niilismo, à insidiosa queda nas trevas do nada, opõe-se, nesta resignação pia e satisfeita, um advento sem êxodo, uma glória de Deus às custas da morte do homem. Também aqui permanece sem resposta o problema de Jó". Cf. FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia*, p. 39-40.

inocente que sofre, nele está o Deus da cruz¹¹. O Deus compaixão que fez sua a dor do mundo para lhe dar sentido e consolo. No entanto, Jó¹² não foi castigado; nem havia razão alguma para lhe ser afirmada uma pena, embora tenha sido submetido a uma difícil prova. Ou seja, Deus permite que Jó seja provado com o sofrimento, fazendo isso, para demonstrar a sua justiça. Portanto, o sofrimento de Jó tem um caráter de provação. Embora o Livro questione o sofrimento, ele mostra que atinge também o inocente, porém, não dá uma solução para o problema.

Adotando a visão cristã, o Livro de Jó pode ser considerado como uma prefiguração da Paixão de Jesus Cristo. Sendo que, para descobrirmos o verdadeiro sentido do sofrimento seguindo a Revelação de Deus, é necessário também, acolhermos a ordem da justiça iluminada com o amor, que é fonte definitiva de tudo. Fonte de amor, dada por Deus aos homens através da cruz de Cristo. Assim, para Bruno Forte, o Evangelho da cruz não esvazia o valor da condição de êxodo em que se acham os homens, porque Deus permanece sujando suas mãos na história dos vencidos e dos sem Deus, que ele faz e redime.

Portanto, para Forte uma teologia que não seja pensamento crente na cruz do Filho de Deus não pretende ser a resposta para o problema de Jó, pergunta que se dissolve na proximidade dos sofredores chamados à companhia do Crucificado pela força do Espírito, e a transformarem a história do sofrimento em história de amor pelo mundo. Diante da paixão do homem não deve ser

¹¹ Forte reflete que: "A teologia cristã descobre o evangelho da dor de Deus como evangelho do seu amor por nós: não se trata de proclamar um Deus dissolvido na história da paixão do mundo; mantendo elevada e pura a sua transcendência, trata-se de indicar a desconcertante imanência, que Deus nos permite entrever. (. . .) Quem confessa a Trindade como a expressão da Cruz, ou seja, quem narra o rosto de Deus Amante, Amado e Amor unificante na liberdade a partir da entrega que o Pai faz do Filho e que o Filho faz de si e do Espírito na obscuridade do sofrer humano da Sexta-feira santa por amor do mundo, reconhece a infinita dignidade do sofrer humano, tão grande a ponto de merecer ser assumida pelo Filho eterno, e ao mesmo tempo proclama o advento de Deus nela, para redimi-la e dar-lhe consolo e verdadeira esperança". Cf. Idem, p. 40-41.

¹² "A Revelação, palavra do próprio Deus, põe o problema do sofrimento do homem inocente com toda a clareza: o sofrimento sem culpa. Jó não foi castigado; não havia razão para lhe ter sido infringida uma pena, não obstante ter sido submetido a uma duríssima prova. (. . .) Se o Senhor permite que Jó seja provado com sofrimento, fá-lo para demonstrar a sua justiça. O sofrimento tem caráter de prova. O Livro de Jó não é a última palavra da Revelação sobre este tema. É um anúncio, de certo modo, da Paixão de Cristo". Cf. JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*, n. 11, p. 20.

qualquer teologia que tem sentido, uma teologia de fáceis conciliações ideais, mas sim, uma “*theologia crucifixa*”, narrativa e contemplativa da cruz, que respeita o êxodo da dor dos homens na profundidade do seu sofrer¹³. Verdadeiramente, se quisermos saber quem é Deus¹⁴, devemos ajoelhar-nos aos pés de sua cruz.

Para avançarmos nesta reflexão, passemos ao exame da questão do sofrimento no Quarto Canto de Isaías.

2 O Sofrimento no Quarto Canto de Isaías

Havia de ser cumprir¹⁵ o que estava nas Escrituras, pois eram vários textos messiânicos do Antigo Testamento que anunciavam os sofrimentos do futuro Ungido de Deus. Entre todos eles, o mais comovedor se designa como o Quarto Canto de Javé, presente no Livro de Isaías¹⁶. Isaías, chamado de o “*quinto evangelista*”. Este Quarto Canto descreve a imagem dos sofrimentos do Servo, onde a paixão de Cristo torna-se, à luz dos versículos de Isaías, uma descrição mais expressiva das que vistas nos evangelistas¹⁷.

¹³ Cf. FORTE, Bruno. *A Teologia como Companhia*, p. 41.

¹⁴ Na visão de Forte: "Confessar Jesus como Senhor e Cristo não é simplesmente atribuir um predicado a um sujeito, mas é narrar a história da Páscoa pela qual "Jesus", humilhado na Sexta-feira Santa, o Crucificado-Abandonado, foi revelado na sua condição originária e eterna de Filho, no mesmo plano do ser divino do Pai, que assim o reconheceu diante de nós como "Senhor" e "Cristo". Cf. FORTE, Bruno. *Trindade para Ateus*, p. 213-214.

¹⁵ Sobre o cumprimento da vontade do Pai: (. . .) "Cristo repreende severamente Pedro quando ele pretende fazê-lo abandonar os pensamentos sobre o sofrimento na cruz. E quando, no momento de ser preso no Getsêmani, o mesmo Pedro procura defendê-lo com a espada, Cristo diz-lhe: "Mete a tua espada na bainha. Como se cumpririam as Escrituras, segundo as quais é necessário que assim suceda?" (Mc 26, 52.54.) E diz ainda: "Não hei de beber o cálice que meu Pai me deu?" (Jo 3,16) Cf. JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*. n. 16, p. 28-29.

¹⁶ "O autor dos capítulos 40-55 do atual livro de Isaías costuma ser chamado de "segundo Isaías". A exegese moderna afirma que ele escreveu na Babilônia nos últimos decênios do exílio, querendo dar esperança aos exilados hebreus. Entre os seus escritos surge uma figura estranha, a do "Servo de Javé". Tem-se discutido muito a respeito de quem é esse Servo sofredor. Adotando uma visão cristã, é evidente que se refere também, a Jesus. E, num sentido mais amplo, podemos observar nele também o nosso povo atual, que, apesar de toda a opressão que sofre, sabe, guardar e transmitir a força do Evangelho. De fato, não existe contradição entre nenhuma dessas interpretações; mas definitiva é a figura de Cristo sofredor, na qual se encontram todas as demais". Cf. CARAVIAS, José. *Respostas bíblicas diante da dor humana*, p. 46.

¹⁷ Cf. JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*, n. 17, p. 30.

Eis como apresentamos o *Homem das Dores*:

Não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar... Era desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com a enfermidade, como uma pessoa de quem esconde o rosto; E no entanto, eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, Mas nos o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas foi trespassado por causa de nossas transgressões, esmagado em virtude de nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas Iahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós¹⁸.

No Quarto Canto do Servo sofredor, identificamos os momentos da paixão de Cristo¹⁹: sua prisão, os escarros, as bofetadas, o juízo injusto, a flagelação, a coroação de espinhos, a caminhada com a cruz, a crucificação e a sua agonia. O que mais impressiona-nos nas palavras do profeta Isaías é a profundidade do sacrifício do servo, que, embora inocente, carregou-se com as dores de todos os homens, porque assumiu sobre si os pecados de todos. Do mesmo modo, percebemos que os versículos sucessivos do Quarto Canto, constituem um prelúdio profético do sofrimento de Jesus, prefigurado no Getsêmani e realizado no Gólgota. O Quarto canto do Servo sofredor é, por sua vez, algo fundamental para uma análise da paixão de Jesus Cristo:

Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro; como uma ovelha que permanece muda na presença dos seus tosquiadores; ele não abriu a boca. Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os seus contemporâneos,

¹⁸ Cf. Is 53, 2-6.

¹⁹ "Se o sofrimento "se pode medir" pelo mal suportado, então, as expressões do profeta permitem-nos compreender a medida deste mal e deste sofrimento que Cristo carregou sobre si. Pode-se dizer que se trata de um sofrimento substitutivo; mas ele é, sobretudo, redentor. O Homem das dores da contada profecia é verdadeiramente aquele cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. (Jo 1,29). Com o seu sofrimento, os pecados são cancelados precisamente porque só ele, como Filho unigênito, podia tomá-los sobre si, assumi-los com aquele amor para com o Pai que supera o mal de todos os pecados; num certo sentido, ele aniquila este mal, plano espiritual das relações entre Deus e a humanidade, e enche o espaço criado com o bem". Cf. JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris*, n.17, p. 31

quem se preocupou com o fato de ter ele sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo? Deram-lhe sepultura com os ímpios, o seu túmulo está com os ricos, se bem que não tivesse praticado a violência nem tivesse havido engano em sua boca²⁰.

Sendo assim, Aquele que, com sua paixão e morte na Cruz, opera a Redenção é o mesmo Filho dado por Deus. Pois este Filho, da mesma natureza do Pai, sofre como homem, e seu sofrer possui dimensões humanas, também pelo fato do Homem que sofre, ser “*Deus de Deus*”²¹. Constata-se, que o Servo sofredor toma para si aqueles sofrimentos de forma voluntária, porque Cristo não somente sofre, mas também acolhe as interrogações de todos os sofredores da história, não sendo o portador em si destas interrogações. Ele é também, a resposta mais plena para elas. Isto é, com sua Boa Nova²², Ele se faz “*a palavra da Cruz*” (1 Cor 1,18).

Podemos concluir, com toda a Tradição da Igreja, que se cumpriu a Escritura nas palavras do Quarto Canto do Servo sofredor: “*Aprove ao Senhor esmagá-lo pelo sofrimento*” (Is 53,10). Mais ainda, o sofrimento humano atingiu seu ápice na paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, sendo Ele, revestido de uma nova ordem intimamente ligada ao amor, tal como o bem supremo da Redenção, que lhe foi tirado da Cruz e nela encontramos seu princípio. A cruz de Cristo tornou-se uma fonte da qual brotam rios

²⁰ Cf. Is 53, 7-9.

²¹ A fórmula do Concílio de Calcedônia (451) emergiu a fé com o seguinte teor sobre Cristo: "Por isso, na linha dos Santos Padres, ensinamos unicamente a confessar um só e mesmo Filho Senhor Jesus Cristo, o mesmo perfeito em Divindade e perfeito em humanidade, o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto de uma alma racional e de um corpo, consubstancial ao Pai segundo a divindade, consubstancial a nós segundo a humanidade, semelhante a nós em tudo, exceção do pecado; gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, (. . .) um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudanças, sem divisão e sem separação. A diferença das naturezas não é de modo algum suprimida pela união, mas antes as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas em uma só pessoa e uma só subsistência, não como se Cristo fosse partido ou dividido em duas pessoas, mas um e o mesmo Filho Unigênito Deus, Palavra, Senhor, Jesus Cristo". Cf. LOEWE, William. *Introdução à Cristologia*, p. 258.

²² "Deve-se apreender a caminhar pelo caminho do perdão, o caminho da fé em Deus e em seus irmãos. Deve aprender a assumir "Cristo crucificado escândalo para os judeus e loucura para os pagãos", como dirá mais tarde São Paulo" (I Cor 1,23). Cf. CARAVIAS, José. *Respostas bíblicas diante da dor humana*, p. 54.

de água viva, porque também na cruz, devemos perseguir sobre o sentido do sofrimento e obtermos a resposta.

Vejamos agora a perspectiva cristã sobre a dor humana.

3. A Perspectiva cristã frente à dor humana

Nunca valorizamos muito o sofrimento do mundo. A história avança através dos sofrimentos das raças, dos povos, podendo até se falar de uma história das dores do mundo. Partindo desta perspectiva, Forte constata que a dor é verdadeiramente uma categoria universal em que todos se encontram reunidos, pois todos os homens se distinguem, e são solidários nas suas dores. Afinal, se há um Deus justo, por que há o mal? Diante deste questionamento, Bruno Forte adverte que, reduzir tudo neste mundo às suas leis, significa também render-se²³ diante do problema da morte e da dor. Outros, como o justo Jó²⁴, resolveram seus conflitos mediante um Deus que tudo regula em vista do bem.

Assim, na Cruz e no seu sentido para o mundo, encontra-se apoiada a perspectiva cristã de salvação no Deus crucificado, assinala Forte. No evangelho de Marcos encontramos talvez a fonte mais fidedigna das palavras de Jesus ante o Salmo 22: "*Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*" (Mc 15,34). O abandono de Jesus na cruz afirmada pelas várias interpretações, buscam no entendimento do abandono de Cristo, o sentido da paixão do mundo expressa na confiança do salmo 22²⁵. Segundo Forte, a pergunta²⁶ encerra o tormento da dor de não compreender o seu

²³ Forte assinala que: "A resignação é, no fundo, a abdicação diante da tarefa de mudar a injustiça do mundo. Outros, enfim, identificam a sede de justiça com a raiz última da dor diante do mal do mundo, e por isso traçam um caminho de renúncias que leva a extinguir qualquer sede e por isso qualquer capacidade de amar e sofrer". Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 24.

²⁴ "Eu sei que o meu defensor esta vivo e que no fim se levantará sobre o pó: depois do meu despertar, levantar-me-à junto dele, e em minha carne verei a Deus. Aquele que eu vir será para mim, aquele que meus olhos contemplarem não será um entranho" Cf. Jó 19, 25-27.

²⁵ Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 25.

²⁶ Segundo Forte: "A interrogação nasce da experiência de um abandono real, da ausência e do silêncio da aquele Deus do qual o Nazareno mais esperava e desejava a presença na hora da Cruz e a garantia de sua confirmação messiânica. Sentindo-se abandonado, Jesus é atingido em sua consciência de Filho e está no polo oposto do salmista, para quem o justo tem direito à proteção de Deus. O Crucificado se sente o mais doloroso dos desolados e oprimidos da terra! Ao abandonado doloroso, porém, ele responde com a oferta: é o abandonado, mas não o desesperado. (. . .) A experiência de sentir-se abandonado pelo Pai torna-se abandono confiante de Jesus nos braços

sentido. Pois na interrogação do Filho, ressoa a angústia de todos os sofredores da história, onde também, para o crucificado, todo seu sofrer é um mistério.

E Deus-Pai, sofreu como seu Filho? Forte sustenta que o “*sofrer de Deus-Pai*”, corresponde ao sofrimento do Filho, porque Deus sofre na Cruz como Pai que oferece, como Filho que se oferece, como Espírito que é o amor eterno de Jesus sofredor. “A cruz é a história do amor trinitário de Deus pelo mundo: um amor que não se limita a suportar o sofrimento, mas o escolhe²⁷”. Sendo assim, o Deus cristão revela uma dor escolhida no amor, onde é revelado um Deus que não está fora do sofrimento do mundo. Revela-se um Deus que assume e vive as dores do mundo de modo pleno, fazendo com que os homens participem deste sofrimento oferecido por amor dando seu sentido. Portanto para Bruno Forte, a história dos sofrimentos do mundo é vista numa história de amor ao mundo, uma vez que o Deus crucificado é a verdadeira novidade²⁸ da vida humana.

Seguindo a trilha de nossa reflexão, examinaremos a relação entre o significado histórico e a transcendência da cruz.

4. Do tempo histórico à “cruz do tempo”

É a cruz da história que faz emergir a pergunta sobre o seu significado, e que propõe várias interrogações sobre o possível sentido de tudo isso. Pensando assim, Forte afirma que: “a interpretação da história é, em última análise, a tentativa de compreender o sentido do agir e do sofrer dos homens dentro dela²⁹”. Entretanto, a mensagem do cristianismo com anúncio do Deus que fez a sua morte, assumindo a sua cruz por amor ao mundo, inspira-nos uma luz sobre a busca deste significado. É da própria Boa Nova anunciada por Jesus, que nasce a possibilidade

dele. Jesus abandonado na cruz vive a sua dor com profunda comunhão com todos os crucificados da terra e, ao mesmo tempo, em oblação confiante a seu Pai, por amor ao mundo”. Cf. Idem, p. 26.

²⁷ Cf. Ibid.

²⁸ Da novidade colocada pela esperança, Forte reflete: "(. . .) a necessidade da "theologia crucis", da teologia do Deus crucificado, que responda ao grito de Deus agonizante e capte nele, abandonado, o sentido das dores do mundo. Diante da interrogação da dor, diante da tragicidade do nada que dela emerge, a palavra da cruz ressoa como "evangelho" também para os homens de hoje: "A *dolor contra dolorem* é o amor de Deus, o amor que tira a nossa dor. Por isso, a mensagem da dor de Deus é a alegre nova". Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus*, p. 27.

²⁹ Cf. FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 9.

de uma teologia pensada na história. Para Forte, sem a fé no Crucificado Ressuscitado³⁰, e para a consciência daqueles que crêem, as interrupções continuariam não menos inexplicáveis; tudo seria abandonado à vitória final da morte e o triunfo do nada se apresentaria como solução para o existir. “*Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé*” (1 Cor 15, 14.17).

Forte assinala que o silêncio da Sexta-feira santa é o local em que ao advento encontrou-se com o êxodo da condição humana e com toda a sua profundidade e peso de suas contradições, resumidas na finitude humana: *a morte*. Pois a eloquência do silêncio do Crucificado ante a “*cruz do tempo*” é que vai dar origem à qualquer possível teologia da história. Esse desenvolvimento não acontecerá em vão se a interrogação que nasce da dor é tão arcaica quanto as mudanças dos homens. Dentro do plano salvífico de Israel, foi a corrente profética que valorizou a história, superando a visão tradicional do ciclo, e descobrindo um tempo linear³¹, que avançava em sentido único para o futuro. Para a fé israelita, a revelação ocorre no tempo histórico. A própria história é o lugar da epifania de Deus e são históricas as formas de autocomunicação, é história a palavra através da qual ele

³⁰ "O anúncio da Páscoa nega, portanto, a vitória final do nada: a última palavra da vida e da história não é a dor e morte, mas a alegria e a vida. A morte do Crucificado é a morte da morte, porque ele é o Senhor da vida: a "teologia da história" não é senão o esforço de justificar - ante a "cruz do tempo"- essa esperança suscitada pela cruz do Filho de Deus". Não tenhais medo de nenhum deles, nem fiqueis conturbados, antes santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todos aquele que vo-lo pede" (1 Pd 3,14s). Cf. FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p.10.

³¹ "A mensagem cristã nos faz superar, assim, definitivamente os antigos temas do eterno retorno: descobrindo a importância da experiência religiosa da "fé": e o valor da personalidade humana, irrepitível devido a sua singularidade e destino eterno perante o mistério do Deus pessoal, o cristianismo assume e desenvolve, de maneira original e criativa, a herança de Israel. Aquele conceito cíclico do tempo e da história é substituído por uma concepção "aberta", "linear": a esperança toma o lugar da nostalgia; o valor do ato, a dignidade da decisão individual ativa e responsável anulam a primazia da repetição; a regeneração do tempo não acontece às custas do seu esvaziamento, mas graças à súbita chegada da novidade de Deus, acolhida pelo homem com sua liberdade. Em lugar do tempo meramente quantificado pelo suceder-se dos instantes repetitivos do eterno ou também pela subsequência de infinitas quedas para o nada, a fé do Novo Testamento insere a idéia do tempo qualificado, transformado em novo pela decisão de fé perante a palavra do anúncio e o oferecimento da graça". Cf. FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 16-17.

pronuncia, e é história o conjunto de gestos de salvação que ela faz; sua promessa escancara um novo futuro, sustenta Forte.

Assim, para Bruno Forte, a tempo histórico³² ganha uma nova dignidade³³, porque a revelação como história, e a história como epifania, e ao mesmo, como tempo de ocultamento da Glória, têm como imediata consequência a valorização do tempo histórico e sua permanente abertura para o futuro não dedutível de alguma premissa. Assim, a Boa Nova do cristianismo é a salvação *da* história, e não a salvação *pela* história: o humilde *hoje* de cada homem é assumido pelo *hoje* do Filho de Deus, podendo transformar-se, se os homens o acolherem no *hoje* de Deus. Portanto, Forte insiste que não se trata da salvação na história, trata-se da redenção de redimir o tempo histórico realizada pela graça do Deus vivo que nele ingressou pela livre acolhida realizada pelos homens, verdadeiro sujeito da história. Dessa maneira, “a história da salvação se constrói sobre a possibilidade da salvação da história, baseada no mistério do advento mediante o qual o Deus vivo fez a sua história dos homens³⁴”.

³² Na concepção de Forte: "Esta valorização da história - como lugar em que se revela e se esconde a glória do Deus vivo - atinge o seu vértice na revelação cristã: com a encarnação, o Filho eterno se torna sujeito de vicissitude humana, (. . .) com a paixão e morte, ele faz sua a dor infinita do que é negativo - a "cruz da história" em suas formas mais atroz - , até o supremo abandono em que o "Deus contra Deum" se revela na sua forma mais dramática com a ressurreição, ele enxerta no tempo a novidade inaudita da vitória de Deus, que vence a morte e doa a vida em plenitude. O seguimento de Jesus, Senhor e Cristo, é fé que abre, ao mesmo tempo, para o futuro de Deus e para o presente dos homens no meio dos quais ele veio habitar, com o seu advento". Cf. Idem, p. 16.

³³ Segundo Forte: "O Ato em que se exprimem, na forma mais sublime, a dignidade da vivência humana concreta e sua incondicional disponibilidade para o futuro do Deus vivo que passou a constituir parte da história é ao ato de fé: Abraão é verdadeiramente o pai de novo povo, que não é mais a humanidade arcaica atrelada ao eterno retorno, e sim o povo de Deus perdidamente confiante na promessa do Eterno, abandonando-se à sua fidelidade e, por isso mesmo, aberto para a dedutível novidade do seu cumprimento. Se o sacrifício do primogênito era, para o mundo paleosemítico, um costume de significado plenamente inteligível - gesto repetitivo da cosmogonia e, por conseguinte, capaz de redimir o tempo representando o início -, em Abraão ele se transforma em ato de fé: "Com este ato, aparentemente absurdo, Abraão cria uma nova experiência religiosa: a fé. Graças ao ato de fé naquele Deus que parece contradizer as suas promessas ("Deus contra Deum"!), o tempo é aberto para a impossível possibilidade divina de decisão de confiar no Eterno, até quando ele parece continuar silencioso e oculto, adquire o sabor da dignidade infinita, capaz de dar valor a todo tempo histórico". Cf. Idem, p. 15-17.

³⁴ Cf. FORTE, Bruno. *Teologia da História*, p. 17.

O sofrimento encontra também um novo sentido dentro da visão cristã da redenção, porque o fato do Filho de Deus ter feito a sua morte no abandono da Sexta-feira santa dá um significado novo ao sofrer do mundo. Segundo Forte, a Cruz da história não é exorcizada, ela é tomada a sério com todo drama que lhe faz parte, porque enquanto assumida pelo Filho que, por amor ao mundo, se entregou em obediência ao Pai, o sofrimento humano assumiu o valor de "*Imitatio Christi*", de representação em nós da sua dor salvífica. Sendo assim, a sua auto-entrega dolorosa do Filho transformou o sofrimento em amor, e que também a história dos sofrimentos do mundo pode ser transformada em comunhão com ele na história da salvação do mundo. Daí que a redenção do tempo histórico é a sua transformação qualitativa em força de fé e amor, pois sofrer com Cristo³⁵ torna salvífica a sua dor e ajuda a socorrer os outros que também sofrem com a coragem de sabermos que somos queridos por ele, donde na noite da dor se prepara a nova aurora do mundo: a antecipação da pátria que realiza a nossa esperança e que não nos decepciona, assevera Forte.

Dentro da visão cristã da história, tudo está sujeito à norma do concreto, que é Cristo. Para Forte, a história não é outra coisa senão a universalização da "*hora de Cristo*" e da sua Páscoa, pois a história e a existência de cada homem passam a ser um chamamento pessoal por nós conhecido apenas através da fé e da esperança, até à obediente aceitação do paradoxo que é a cruz. Ou seja, "aquele que é a Aliança em pessoa fez a sua cruz do tempo, abrindo na hora da cruz redentora o caminho para a glória, extensiva a todas as criaturas³⁶".

Finalizamos o nosso artigo, mencionando a relevância da Cruz na economia salvífica.

³⁵ "O evento do Filho entregue à morte e ressuscitado pelo Pai sintetiza todo o processo histórico: ele nos revela a Origem silenciosa e oculta, o mistério do Amor eterno do qual tudo procede, que inspira e estimula a morte na cruz e a vida nova da reconciliação pascal; ilumina o tempo intermediário entre a primeira vinda de Cristo e a sua volta, tempo de glória revelada, mas oculta, "intervalo" animado pela tensão entre o "já" e o "ainda não", Sexta-feira santa do mundo durante a qual preparamos a ressurreição final do Reino plenamente manifestado. No evento-Cristo, é como que narrada a história da história: "prolepse" ou antecipação do futuro (W. Panenberg), "promissio inquieta" (J. Moltmann), a ressurreição do crucificado, ao mesmo tempo que dá ao tempo histórico a infinita dignidade de ser orientado para a glória do fim, também novo revela como campo de batalha, lugar de decisão por ele ou contra ele, espaço durante o qual a força da Páscoa exige ser estendida até atingir todas as criaturas, tempo do Espírito que atualiza as promessas de Deus e une a história presente à glória futura". Cf. Idem, p. 18.

³⁶ Cf. Idem, p. 19.

5. A Cruz na história salvífica

A ressurreição é a tomada de posição do Deus vivo sobre Cristo, no Espírito, com respeito ao passado da cruz, pois sem ela, o evento da ressurreição do Jesus torna-se inconcebível. Sem a ressurreição a cruz é cega, sem futuro e sem esperança. Para Forte: “a ressurreição é evento da história trinitária, não menos o é a cruz: também a cruz é história trinitária de Deus³⁷!”. Isto comporta o ato da entrega de oblação sacrificial do Espírito, como expõe o evangelho joanino: “*E inclinando a cabeça, entregou o Espírito*” (Jo 19,30). O crucificado entrega ao Pai, na hora da cruz, o Espírito que o Pai lhe havia dado e que será dado em plenitude no dia da ressurreição, dia da entrega que o Filho faz de si ao Pai, para que o crucificado fique abandonado³⁸ na companhia dos pecadores.

Na concepção de Forte, é na economia da redenção que o aspecto da distinção das Pessoas na Trindade unidas colocam-se na identidade de uma mesma natureza e de um amor infinito. Assim, a entrega do Espírito diz o exílio do Filho em obediência à entrega do Pai e a salvação torna possível aos distantes a companhia do crucificado. Ou seja, na hora da cruz, a história do próprio Espírito e a história em Deus, tornam possível a alteridade do Filho em relação a Deus, na solidariedade com os pecadores. Para Forte, na comunhão expressa pela obediência do Filho que se tornou próximo de nós, permite aos pecadores abrirem para si, o caminho rumo à pátria da comunhão trinitária. Assim, na história do Filho, do Pai e do Espírito, a cruz é também história trinitária de Deus. Diante disso, Forte afirma que, “na cruz erguida no Gólgota se manifestou o coração eterno da Trindade³⁹”. Somente no sentido trinitário pode ser entendido a entrega de Jesus, que deve ser compreendida, transformada e exaltada como acontecimento trinitário.

³⁷ Cf. FORTE, Bruno. *A Trindade como História*, p. 33.

³⁸ “É a hora da morte em Deus, do acontecimento do abandono do Filho por parte do Pai na comunhão do amor, sempre maior, apesar de tudo, evento que se consuma na entrega do Espírito Santo ao Pai e que torna possível o supremo exílio do Filho na alteridade do mundo, o seu tornar-se “maldição” na terra dos malditos de Deus, para que estes possam entrar com ele na alegria da reconciliação pascal. Sem a entrega do Espírito não apareceria a cruz em toda a sua radicalidade de evento trinitário e salvífico: se o Espírito não se deixasse entregar no silêncio da morte, com todos o abandono que esta traz consigo, a hora das trevas poderia ser tomada equivocadamente pela morte obscura de Deus (. . .)”. Cf. Idem, p. 36-37.

³⁹ Cf. Idem, p. 37.

Portanto, se compreendemos a cruz como acontecimento de Deus, como acontecimento que envolve tanto Jesus como o seu Deus e Pai, devemos falar trinitariamente do Filho, do Pai e do Espírito. Dessa forma, a doutrina trinitária não é uma especulação sobre Deus, mas só o compêndio da história da paixão de Cristo no significado que reveste a liberdade escatológica da fé. Desse modo, Forte assinala que, “o conteúdo da doutrina trinitária é a cruz real de Cristo. A forma do Crucificado é a Trindade⁴⁰”. Embora a cruz⁴¹ seja a nossa história porque é história trinitária de Deus⁴², estamos em plena comunhão com Ele. Conseqüentemente, ao distanciamento da cruz se segue a comunhão da ressurreição, e isto em Deus pelo mundo, posto que na, contraposição das duas vontades do Pai e do Filho no horto da Oliveiras e no abandono do Filho na cruz, torna-se visível a oposição mais alta entre as duas pessoas divinas para quem reflete em profundidade, postula Forte.

Isto significa que todo agir unitário e salvífico de Deus se manifesta, por sua vez, na unidade da morte de cruz e da ressurreição, pois a morte em Deus pelo mundo passa à Páscoa na vida em Deus pelo mundo, pois a morte não dilascera, nem nega a unidade divina, mas ela reconcilia, e, é afirmada pelo mundo (*cf. At 2,36; 1,36; 1 Cor 12,3; 2 Cor 4,5; 1 Jo 2,22*). Para Forte, os dois fatos do evento pascal, a *humilhação* e a *exaltação*, mostram a identidade na alteridade do crucificado e do Ressuscitado da cruz e da ressurreição, como eventos de uma mesma e única história trinitária de Deus. Se na cruz o Filho entrega o Espírito, entrando no abandono por parte de Deus, na ressurreição o Pai dá o espírito ao Filho, assumindo nele e com ele o mundo na perfeita comunhão divina. Assim, uno é o Deus trinitário, que age na cruz e na ressurreição, una é a história trinitária de Deus, como também é uno o desígnio de salvação que se realiza nos dois eventos. No entendimento de Forte, “a tragédia do pecado e a alegria da reconciliação aí estão presentes na história trinitária de separação e

⁴⁰ Cf. FORTE, Bruno. *A Trindade como História*, p. 38.

⁴¹ "Na cruz a "pátria" entra no exílio, para que o exílio entre na pátria: nela se nos depara a chave da história! "A história de Deus, concretizada na morte de cruz de Jesus no Gólgota, contém todas as profundezas e abismos da história humana e poderá ser compreendida como a história da história. Toda a história humana, marcada embora pela culpa e pela morte, é assumida nessa história de Deus, ou seja, na Trindade, e integrada no futuro da história de Deus. A cruz nos remete, assim, à Páscoa: a hora do hiato nos endereça à da reconciliação, o império da morte ao triunfo da vida". Cf. *Ibid.*

⁴² Cf. FORTE, Bruno. *A Trindade como História*, p. 40.

comunhão por amor ao mundo. A cruz e a ressurreição são coisa nossa, porque são história trinitária de Deus!⁴³”.

Abstract: This paper is synthesis of the work about the theology of the cross in thought of italian theologian Bruno Forte, entitled “A Cruz, o sofrimento e a esperança segundo Bruno Forte”. In this problematic one, we will point out the perspective of the suffering to light of the resurrection. Hence the relation with the suffering tied intrinsically to event of God’s Kingdom and to the achievement of salvation. It was searched for developing the theology which is implied in the conception the Bruno Forte.

Key-words: Hope; resurrection; suffering, salvation.

Bibliografia

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1996.

BOFF, Leonardo. *O Destino do Homem e do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. *Paixão de Cristo Paixão do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *A Libertação em plenitude à luz da utopia cristã*. In:

_____. *A Fé na periferia do mundo*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 40-48.

_____. *Jesus Cristo Libertador*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

CARAVIAS, José. *Respostas Bíblicas diante da Dor humana*. São Paulo: Vozes, 1998.

COSTA, César Augusto. A Questão da Cruz na Teologia de Bruno Forte. *Razão e Fé*, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 45-71, jan-jun. 2006.

_____. *A Cruz, o sofrimento e a esperança segundo Bruno Forte*. 2002. 67 f. Trabalho de Conclusão (Graduação em Teologia) – Instituto Superior de Teologia, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2002.

EICHER, Peter (Org.). Cruz/Sufrimento. In: _____. *Dicionário de*

⁴³ Cf. Idem, p. 40.

Conceitos Fundamentais de Teologia. São Paulo: Paulus, 1993. p. 144-148.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da História*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *A Trindade como História*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *A Teologia como Companhia, Memória e Profecia*. São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Teologia da História*. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. *Trindade para Ateus*. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *A Igreja Ícone da Trindade*. São Paulo: Loyola, 1987.

_____. *Introdução à Fé*. São Paulo: Paulus, 1994.

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

JOÃO PAULO II. *Salvifici Doloris: carta apostólica sobre o sentido cristão do sofrimento humano*. São Paulo: Paulinas, 1984.

KNEIP, Telmo. Ensaio de Antropologia Teológica: do sofrimento humano inocente ao Deus da Vida. *Razão e Fé*, Pelotas, v. 2. n.1, p. 39-46, 2000.

LIBÂNIO, João Batista; BINGEMER, Maria. *Escatologia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.

LOEWE, William. *Introdução à Cristologia*. São Paulo: Paulus, 2000.

MISTERIUM SALUTIS. *A Escatologia*. V/3. Petrópolis: Vozes, 1985.

MONDIN, Battista. *Os Grandes Teólogos do Século XX. Vol. I - Os teólogos católicos*. São Paulo: Paulinas, 1979.

MOLTMANN, Jürgen. *O Caminho de Jesus Cristo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Paixão de Deus? In: _____. *Trindade e Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 45-74.

NOGUEIRA, Luíz Eustáquio. *O Espírito e o Verbo: As Duas Mãos do Pai*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

SEGUNDO, Juan Luis. O Evangelho da Cruz e sua chave. In: _____. *Homem de Hoje Diante de Jesus de Nazaré*. II/I. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 1-16.

SUSIN, Luiz Carlos. Sacrificialismo e Cristologia: A violência da Cruz. In: ASSMANN, Hugo. (Org.). *René Girard com teólogos da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 240-247.

_____. *Assim na Terra como no Céu*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VORGRIMLER, Herbert. Escatologia/Juízo. In: EICHER, Peter (Org.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 229-234.

